

# OS FILHOS DA NOITE\*

*Isa Maria Lopes Paniago*

Os sonhos são fundamentais e tema de decisiva importância para compreender a psicanálise e sobre como estão implicados no processo de saúde psíquica. O estudo sobre os sonhos ampliou significativamente a compreensão do funcionamento mental que, com tanta riqueza de detalhes, podemos entender por que eles foram tão apreciados por Freud, até o fim de sua vida.

O recorte que quero destacar aqui se refere menos ao conteúdo do sonho manifesto e mais à forma como os pensamentos oníricos latentes são transformados pela elaboração onírica. Para ser mais precisa, gostaria de enfatizar a capacidade de sonhar, sem a qual o traumático se instaura.

A compreensão do trabalho do sonho, aquele que transforma o pensamento onírico latente em sonho manifesto, é possível a partir do trabalho de análise. Para o analista, importa a experiência emocional que se passa na sala, no encontro. Como um sonho manifesto, a experiência emocional é crua. É preciso pensar sobre ela, senão, como um sonho, essa experiência é esquecida. Um bom trabalho de análise pode acontecer pela capacidade de o par analítico transformar esse material em elementos oníricos. É o que se constitui um sonho-a-dois, onde o analista se deixa tomar pelas ideias associativas/sonho do paciente e o ressonha, traduzindo ao paciente suas associações. Essa é a experiência de rêverie

que ocorre na sala de análise, correspondente ao sonho que acontece quando dormimos. O analista escuta o paciente e observa as imagens, sensações, emoções que lhe ocorrem, se impregna e é tomado por suas próprias emoções e associações. Os derivados de seu pensamento onírico fazem continência à verdade emocional do paciente naquele momento.

Além da compreensão do funcionamento do aparelho psíquico a partir da interpretação dos sonhos, momento inaugural da psicanálise, a teoria dos sonhos despertou para novas formas de psicanalisar, porque foi fornecendo pistas a respeito do sentido do sonhar, bem como de sua incapacidade – o não-sonho, que marca uma variedade de sintomas da contemporaneidade que, na clínica, comparecem como as atuações (descargas pulsionais, colocadas para fora) ou enactments (encenações, envolvendo paciente e analista, que tornam atuais fantasias arcaicas colocadas em cena, via transferências e contratransferências).

Como sabemos, Freud foi um cientista absolutamente aberto à observação dos fatos, não hesitando se corrigir a cada movimento que a clínica lhe colocava. Em sua Revisão da teoria dos sonhos, Freud (1933) reconsidera, a partir da experiência com pacientes severamente traumatizados, que o sonho tenha como função a realização de um desejo. Entende aqui que os sonhos sejam não a realização de um desejo, mas a tenta-

\* Versão modificada do texto apresentado no debate “O traumático e o sonho” promovido pela Diretoria de Comunidade e Cultura da Sociedade de Psicanálise de Brasília, em 28/11/2020.



tiva de realização de um desejo. Sem contradizer sua teoria original, passa a abranger as descobertas que ampliaram a concepção do aparelho psíquico, agora abrangendo os sentimentos de culpa, por exemplo, provindos do superego, instância inconsciente.

O sono, quando perturbado por intensa ansiedade, é despertado por sonhos traumáticos. Falha da função do sonho, ou precisamos entender o que Freud descreve como a realização de desejos inconscientes? De qual incapacidade falamos? Aqui se destaca a ideia de que a interpretação, ou mesmo a compreensão do sonho, ou do sonhar, depende do sonhador. E o sonhador precisa ter desenvolvido a sua capacidade de transformar essa experiência emocional em elemento onírico. É isso que vai lhe favorecer um tipo de pensamento integrador das vivências, um pensamento que torne essas vivências emocionais toleráveis e capazes de expansão.

Retomando Freud (1933), encontramos a surpreendente denominação desse desejo

inconsciente como o Filho da Noite – o verdadeiro criador do sonho. O desejo inconsciente, esse filho da noite, que é estimulado pela atividade diurna, é o que vai formar o sonho. Espera pelo relaxamento do sono para chegar a alguma forma de expressão.

Esse filho da noite não comparece na mente consciente, dando a impressão de estranheira. É realmente de outro, não do ser que sonha. Aliás, é repudiado pelo sonhador. Como vai buscar satisfação se deforma, se disfarça, se vincula a pensamentos oníricos não censuráveis, transpõe furtivamente a barreira da censura.

Sabemos que não se encontra como função do psicanalista efetuar interpretação de sonhos como sua atividade principal. Os sonhos que ocorrem durante um processo analítico muitas vezes escapam a uma análise completa, permanecem como parte do acervo de material inconsciente, que se desvelam ao longo dos anos de uma análise.

Freud (1916) descreve que os sonhos apresentam uma aparência estranha para o próprio sonhador, mas esse filho da noite, apenas na aparência um estrangeiro, permanece pleno de sentido, esperando que seu pai, o sonhador, apresente suas associações em análise. Coloca em cena o casal fértil (sonhador/analista) responsável por sua interpretação, caso contrário, permanece filho da noite, fragmentado, desconhecido.

Em situação de análise, os sonhos dizem respeito ao estado interno temporário do paciente, seu nível predominante de defesa, a fase do processo analítico. Tomamos os sonhos como criações intersubjetivas da dupla analítica. Também o não-sonho passa a suscitar grande atenção, uma vez que para o analista importa tudo o que ocorre no espaço/tempo analítico, com sua mente analiticamente treinada, observando o que ocorre consigo, com seus próprios sonhos e não-sonhos, de modo a emprestar essa capacidade de pensar ao seu paciente. O trabalho do analista envolve não ter receio de sonhar tudo isso como algo que é do paciente, observando que o que ele lhe apresenta é algo dele, é o que ele pensa, sente e é.

Apresento, com a autorização de um paciente, um sonho para ilustrar essa ideia, sobre como o sonhar a dois em análise possibilita colocar em movimento esse filho da noite, que me permite pensar, por estar ali com ele, entregue à experiência do encontro. O sonho o perturba, pela intensidade de cores, detalhes, sentimentos e por um caráter estrangeiro, obscuro. O sonho que conto aqui é produto do campo analítico, portanto, uma versão. O sonhar suas associações ao longo da sessão pôde revelar a hipótese de uma trama a dois, um fantasma, um duplo, um eu-não eu, que parece vir impedindo a vivência de relacionamentos consistentes.

Segue o sonho:

Caminha por uma cidade, num lugar que não conhece, ruas com casas e prédios, parece Recife (ele esteve em Recife na semana anterior. Ele desconhece, mas reconhece, é e não-é, um eterno duplo). Avista uma praça, desce até ela, tem muita gente, preocupa-se com a aglomeração, mas segue (aqui, o tempo presente traumático). Ao fundo, um grande Palácio, com escadarias, haveria um show, ele não se interessa, avista no meio da multidão um casal fotografando, aproxima-se e o casal logo se interessa por ele, lhe convida a tirar fotos, ao que ele imediatamente aceita, e começa a fazer poses, muito estranho, diz, uma vez que detesta tirar fotos, no máximo tira algumas de si para colocar no seu perfil na rede social. Diverte-se muito com o casal de fotógrafos. Ele e o homem se abraçam e posam para a mulher, passeiam pela praça, mas não interagem com as pessoas, apenas se divertem. Pessoas se aproximam querendo lhes falar de política e eles imediatamente se retiram irritados, mas continuam brincando com a situação. O casal o convida para sua casa, que fica ali na praça, queria mostrar-lhe a casa, buscar material para as fotos. Ele os acompanha, estranha e se pergunta: eles moram aqui? Era a casa de Manutenção do parque, da praça! Muito estranho, mas a casa por dentro era bem legal, muitos quadros, muitos móveis, ele percebia um azul que depois descreve como igual a um pingente que tinha dado para Lavínia, alguém com quem vem tentando um encontro amoroso. Reflete um pouco, e pensa que então a mulher do sonho era Lavínia. Ela e o companheiro, que é um cara muito legal, lhe mostravam a casa. “Ela ia cuidar das fotos, ele ficava comigo, me colocando à vontade. Eles me levaram para o quarto e eu me deitei com ele na cama e dormi, apaguei, eu estava muito cansado”.

Todos os elementos do trabalho do sonho aparecem quase fotografáveis. Como resto diurno, a recentíssima viagem a Recife,

onde não pode estar com ela, em sua casa, mas teve um encontro na rua (na praça?). O azul do pingente, cor que decorava os móveis da casa e o levou a pensar nela. Condensação e deslocamentos dando a distorção onírica, divertindo-se com fotos e poses, que costuma não gostar.

Sinto-me um pouco convocada pelo jogo edípico entre ele e esse casal sedutor e brincalhão, que parecia gostar de convidar um terceiro para a cena, e ele se divertindo, e se exibindo, excluindo tudo e todos ao redor. Aceita os abraços desse parceiro, exhibe-se diante do sorriso dessa mulher, curte a cena. Vou narrando esses elementos para ele como me ocorrem, inicialmente numa tentativa de diluir ali emoções que capto e coloco em narrativa, deixando que suas associações possam ocorrer, tirando-o de um estado de perplexidade e incompreensão absoluta do sentido do sonho. Percebo minha confusão, já que a mulher de seus sonhos é solteira, mas a de seu sonho é casada, e com um cara muito legal. Filho? Talvez ao preparar esse material com esse caso em mente, tenha me chamado à atenção Freud (1933) denominar o desejo inconsciente de filho da noite. Quem é esse que deseja, mas não pode se apropriar, ser? Quem é esse que é e não é? O desejo precisa permanecer desconhecido, filho de outro, para não ser expulso da consciência.

Nesse possível desejo de não ser excluído por esse casal, eu me mantenho identificada por algum tempo siderada nesse conceito edípico, cujo Filho era ele? Um filho que seduz, flerta, entra no meio do casal, aceita seu convite, mas é com seu parceiro que se deita, que se exhibe para ela. Nesse tempo não consegui avançar nas ideias, tomada por essa figurabilidade, não conseguia sonhar esse sonho. Meu paciente não se incomodava com o rival, quase o desejava, nem mesmo o dava como rival. Tudo isso se deu ao longo da sessão, não linearmente, com outros assuntos que oportunizavam voltarmos aos elementos do sonho. Meu paciente confirma assertivo sobre o rival: Não! O cara é muito gente boa.

Penso: Está ai! ELE é muito gente boa. Digo-lhe: recentemente, você se dava conta sobre como nessa relação, ela era muito sortuda por ter um cara tão legal assim como você: tão gente boa. Disponível para ela. Como você disse, ela tem todo o tempo do mundo para não definir essa relação! Portanto, ele é você, um outro em você! Um aspecto seu muito legal, muito acolhedor, que permite o encontro, ao mesmo tempo em que te deixa de fora, não efetivando um verdadeiro relacionamento. Só flashes. Assim a relação vai sendo mantida. Ele diz espantado: a casa de Manutenção! A casa de Manutenção! Caramba!

Quando deixo um pouco de lado a figura teórica de Édipo e seus desdobramentos, o sonho acontece e abrimos para estados emocionais sem excessivas defesas ou inibições.

*O sonho pode ser descrito como o substituto de uma cena infantil, modificado pela transferência a algo recente. Não que toda a gama de nossos pensamentos rotineiros seja o tempo todo dessa qualidade, ou pelo menos que necessite o tempo todo da escuta analítica, que vai proporcionar a identificação do filho/desejo inconsciente.*

Mas ele vai estar ali. Seguiremos nossas vidas, até nos darmos conta que o excesso de atividades que implementamos não se refere a um auge de competência, quando seremos confrontados com nossa impotência, nos vendo tomados por uma fobia ou inibição de qualquer ordem por causa da pandemia, por exemplo, que nos fez mudar toda nossa rotina. E nos pegamos medrosos, sem vontade de voltar à vida. Acomodados em refúgios livres de vírus, que requerem sim a ruptura radical das atividades até então certas. Como esse novo contexto nos confronta com os filhos da noite, habitantes de nosso inconsciente? Com nossos desejos de uma vida mais lenta, que flerta com a inerte pulsão de morte, que se funde ao prazer do menor esforço, dos encontros virtuais, que dispensam o trabalho do deslo-

car-se, que permitem uma câmera desligada, onde tudo vejo, e ouço, e não sou visto.

Bion postulou que a atividade onírica é uma atividade constante do nosso aparelho psíquico, mesmo quando estamos acordados. O trabalho mental da véspera consiste na formação de imagens que resumem, como no sonho noturno, a qualidade emocional que vivemos num dado momento (Ferro, 2007).

*Algumas emoções primitivas ficam ativas fazendo marcas especialmente nos vínculos humanos. Podemos pensar o quão importante é a capacidade de sonhar, de dar novos destinos a esses desejos inconscientes, os filhos da noite. A psicanálise contemporânea nos apresenta a ideia de que o desejo inconsciente pode ser mais ou menos perturbador. O desejo pode permanecer tão primitivo, que se revela como uma experiência indigesta, incompreendida.*

O sonho é um ato psíquico de pleno valor, e sua força é sempre um desejo a ser realizado.

O trabalho onírico tal como o descrevemos até aqui é apenas um pequeno aspecto do sonhar. Bion sugere que o material trazido pelo paciente seja submetido ao trabalho do sonho. Cabe ao analista despertar esse aparelho de pensar que é a potência da função analítica. É o que possibilita que o paciente carregue para si esse modelo de continência. Assim, esse material apresentado em sala de análise pode ser armazenado de tal forma que emoções brutas, difusas, possam se transformar, permitindo outro desdobramento para situações traumáticas, particularmente, como as que nos encontramos, nos levando com criatividade e amorosidade para fora do estado de desamparo.

Vejo como uma complementaridade os modelos de Freud, posteriormente ampliados por Bion. Para Freud, o aparelho psíquico é um amortecedor de estímulos, enquanto para Bion, o aparelho psíquico é semelhante a um aparelho digestivo. Os

elementos não digeridos são evacuados e acolhidos por uma mente em condições de transformá-los. Esse modelo de Bion se transforma num modelo de um aparelho psíquico como um aparelho para pensar os pensamentos.

Todo um desdobramento se revela aqui, retornando inclusive ao traumático. Quando não posso pensar, eu atuo. Eu adoeço. No lugar de um pensamento/sonho, um ato. Uma descarga.

Para Green, a originalidade de Bion foi ter compreendido que a criança podia ter pensamentos, mas que para ter um pensamento, ela teria que contar com a mãe, se apoiar sobre o aparelho de pensar os pensamentos da mãe. Mãe que faz a ligação entre a criança e o mundo, e que, só depois, esse filho passa a Ser.

#### Referências

Freud, S. (1933). Revisão da teoria dos sonhos. In S. Freud, Obras completas, vol. 18. (P. C. Souza, Trad.). Companhia das Letras, 2010.

Freud (1916). Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). In S. Freud, Obras completas, vol 13. (P. C. Souza, Trad.) Companhia das Letras, 2014.

Ferro, A. (2007). Evitar as emoções, viver as emoções. Artmed.



*Isa Maria Lopes Paniago é psicóloga e psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília*